

# A FELICIDADE COMO EXIGÊNCIA PÓS-MODERNA E O SUJEITO COMO RESTO

Magalhães, Janderson dos Santos<sup>1</sup>; Silva, Magali Milene<sup>2</sup>

**RESUMO** - Na atualidade tem se apresentado uma alta incidência de pacientes nas clínicas com queixas quanto ao sentimento de infelicidade, perda de sentido da vida, angustiados etc. Além disso vivemos numa era de consumo exagerado onde o “ter” tomou quase que totalitariamente o espaço do ser. Diante deste cenário essa pesquisa tem por objetivo um entendimento do lugar do sujeito do inconsciente na modernidade frente ao imperativo de felicidade, o mal-estar inerente ao sujeito como impossibilidade de felicidade e discutir o papel do analista diante da crescente demanda em soluções rápidas para o seu sofrimento. Sendo assim a psicanálise apresenta como uma *praxis* que considera a singularidade do sujeito, possibilitando uma intervenção diferenciada do discurso vigente na modernidade. Este trabalho foi fundamentado sobre dados de uma revisão bibliográfica, tendo como referencial teórico um estudo da concepção freudiana sobre o mal-estar inerente ao sujeito civilizado.

**PALAVRAS-CHAVES** - Felicidade; imperativo; sujeito; Pós-modernidade e psicanálise.

## INTRODUÇÃO

Durante a prática clínica, tem sido comum ouvir de pacientes diagnosticados com depressão, ou com pensamentos suicidas e até mesmo aqueles que chegaram a tentar o autoextermínio, o discurso de terem perdido o sentido da vida. Um sentimento de vazio tomando conta, atrelado a outros sentimentos tais como: angústia, ansiedade e indiferença às coisas do cotidiano.

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Pós-graduando de Fundamentos teóricos em Psicanálise, Centro Universitário de Lavras. E-mail: [janmagal@gmail.com](mailto:janmagal@gmail.com)

<sup>2</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Psicanálise, orientado pela Professora Dr.<sup>a</sup> Magali Milene Silva

Atualmente está em evidência uma árdua preocupação social em ser feliz, as redes sociais são mecanismos de divulgação da tal felicidade. Em contrapartida o que vem se destacando é o aumento de diagnósticos de transtornos do humor e com isso um consumo excessivo de medicamentos e outras terapêuticas. Talvez nunca se tenham gastado tanto com medicações, cirurgias estéticas e outras formas de obtenção de “prazer” como ultimamente.

Porém essa busca pela felicidade não é uma exclusividade desta era. Em “O mal-estar na civilização” Freud (1930/2018) destaca que: “Essa busca tem dois lados, uma meta positiva e outra negativa; quer ausência de dor e desprazer e por outro lado, a vivência de fortes prazeres.” Pretendemos destacar o imperativo da pós-modernidade que tem influenciado essa busca desenfreada, além disso analisarmos o lugar do sujeito diante deste cenário. Qual o lugar para o sujeito do inconsciente tal como propôs Freud, no imperativo pós-moderno de felicidade?

Freud em suas obras não chega a postular um conceito sobre o sujeito do inconsciente, porém ele está presente nas entrelinhas. Quem faz essa conceituação a partir de uma retomada da teoria freudiana é Lacan.

Com base em Freud, Lacan “entende que o sujeito se constitui pela inserção de uma ordem simbólica que o antecede atravessado pela linguagem, tomado pelo desejo de um Outro e mediado por um terceiro.” (TOREZAN, 2011 p.526).

Conforme Torezan (2011), “O sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, delineado por Freud através da noção de inconsciente, marcado e movido pela falta [...]”

Existe uma dualidade na modernidade para o sujeito descrito como hiperconsumidor por Lipovestsky, *apud* Silva, (2012 p.52) que para ele:

[..] não interessa apenas o consumo material, mas o conforto psicológico, a harmonia interior, o desenvolvimento subjetivo, a potencialização de si. Sua felicidade, porém, também é paradoxal. Ao mesmo tempo em que se declara feliz se declara deprimido. Se por um lado cresce a expectativa de vida, diminui o número de horas trabalhadas, melhoram as condições materiais de vida; por outro, aumentam as queixas de sofrimento psíquico. Por um lado a sociedade hiperconsumista exalta o bem-estar e o equilíbrio; por

outro, sua ordem de consumo excessivo leva ao caos e à desigualdade.

Quais as implicações para o sujeito do inconsciente com essa gama de oferta que lhe são apresentadas? Sendo ele da falta parece que não lhe é permitido vivenciar a mesma, o sujeito ficou para segundo plano o que interessa é o conforto e o “bem-estar” imediato.

Legislando em causa própria, o homem de hoje aposta todas as suas cartas na máxima de que todo o gozo é possível e deve ser alcançado. Essa mensagem, ou talvez seja melhor dizer ordem, é veiculada na cultura pelas mais diversas vias e está em alto grau acoplada aos progressos técnico-científicos. (TOREZAN, 2011 p.546)

Do que se trata esse sujeito em segundo plano? Trata-se de não haver espaço para a subjetividade. Tudo lhe é apresentado moldado e cabe a ele adaptar-se.

Cada vez mais, a tecnologia, em nome da ciência, ou ainda, a ciência em nome do avanço tecnológico, trabalha no sentido da manipulação, do controle, da racionalização e, portanto, da exclusão do sujeito. Assim, numa assepsia subjetiva, a vida e muitos dos aspectos relativos a ela se tornam bens propagados como necessários para o acesso ao gozo. (TOREZAN, 2011 p.547)

É importante ressaltar que o surgimento da psicanálise ocorre justamente no advento da modernidade, onde o discurso teológico deu lugar ao discurso da ciência, retornando o homem ao centro de todas as coisas, colocando a razão como primazia. “Nesse contexto, irrompem as figuras de Marx, Nietzsche e Freud, pensadores introdutores de uma série de quebras de ideais e de mitos a respeito dos valores, da ciência e do sujeito produzidos pela modernidade”. (TOREZAN, 2011 p.530).

Não queremos aqui discutir se existe ou não felicidade, pois essa é uma questão já posta pela psicanálise, em especial pelo seu criador Sigmund Freud. Ele indica em sua obra que a felicidade é uma ilusão, mas não no sentido de ser um erro:

O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. Com respeito a isso, aproximam-se dos delírios psiquiátricos, mas deles diferem também, à parte a estrutura mais complicada dos delírios. No caso destes, enfatizamos como essencial o fato de eles se acharem em contradição com a realidade. As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade. (FREUD, 1920/1996 p.21).

Falamos sobre felicidade não é uma tarefa fácil, pois poderemos incorrer no erro de seguirmos o discurso que impera na atualidade e que por

certo está em ação desde o início do capitalismo, onde felicidade está atrelada ao ato de consumir.

Neste artigo discutiremos como a contemporaneidade vem tratando a questão da felicidade partiremos então das concepções trazidas por Bauman em “O mal-estar da Pós-modernidade” contribuições de Lipovetsky com sua obra “A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo” e Zeila C. Facci Torezan com seu artigo “O Sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade”.

A partir de Freud, em sua obra “O mal-estar na civilização” discutiremos a felicidade como um projeto de cultura atravessado pelo mal-estar. E pensaremos a atuação do analista frente a demanda atual de felicidade rápida e indolor.

Tentaremos através da revisão de literatura responder algumas dessas problemáticas, porém com a certeza de que novas questões surgirão e que não encontraremos todas as respostas. Mas torna-se necessário uma investigação desse tema devido a sua relevância para atualidade, para tentar compreender essa dinâmica existente entre o sujeito e o imperativo de felicidade bem como a psicanálise pode contribuir para um melhor entendimento e acolhimento desta demanda.

## **1. CONTEMPORANEIDADE E O IMPERATIVO DE FELICIDADE.**

A modernidade ficou marcada pelo avanço tecnológico que possibilitou o avanço em outras áreas e trouxe a possibilidade de “bem-estar” ou melhoria na qualidade de vida. Podemos afirmar que uma das grandes características da contemporaneidade é, segundo Bauman, a rapidez ou fluidez que ocorrem as mudanças. Tudo está em constante modificação, e a cada nova modificação são estabelecidas novas regras para participar do jogo social (SILVA, 2012 p.35).

Nesse jogo social, que muito parece com a teoria da evolução, apenas os mais fortes sobrevivem. Ainda de acordo com Bauman, o homem moderno viu-se obrigado a acompanhar essa fluidez, pois aqueles que não a acompanham são marginalizados.

Passamos da imagem do acumulador de bens para o acumulador de sensações, do consumo de produtos ao consumo de experiências. Trata-se de um novo filete do consumo, voltado não apenas aos bens físicos, mas às experiências individuais, que podem englobar o mais vasto campo: parques de diversões, turismo, cinema, psicoterapias, diferentes modalidades de exercícios físicos, terapias corporais, práticas religiosas, e até mesmo encontros sexuais. (SILVA, 2012 p.36).

Para Franco (2009), existe atualmente uma proposta hedonista onde o equivalente a ser feliz é extração a partir da liberdade individual do “máximo de prazer disponível”.

Essa proposta hedonista se insere dentro de uma arquitetura de “razões”, algumas explícitas, outras implícitas. É importante não só assinalá-las, como discutir suas consequências. A primeira delas aponta não apenas que podemos ser felizes, mas que devemos ser felizes. Essa postura implica uma mudança radical em nossas estruturas psíquicas: o que antes era considerado de pertinência ao Id (a busca do prazer), passou a ser de pertinência ao Superego. Em outras palavras: estaremos condenados (à culpa) se não formos felizes. (FRANCO, 2009 p.5).

Existe uma nova ordem social que evidencia uma total aversão a infelicidade. Não há espaço para o infeliz na sociedade moderna. Sociedade esta que vale o que se tem. A regra predominante é que temos obrigação de sermos felizes e quando o mesmo não acontece, de imediato nos apresentam possíveis “curas” para esse fenômeno ou opções de consumo que promoverão o bem-estar. Não há espaço para falar de sofrimento, angústias e medos.

Para Lipovetsky (1944/2007 p,149):

Atrás das luzes da frivolidade consumista continuam a contorcer-se as angústias do mal-estar, do "duro desejo de durar", da luta pela vida e pela sobrevivência. No momento mesmo em que nossas sociedades são mais ricas e mais poderosas do que nunca, tomam novo impulso os temores da exclusão e das restrições, as obsessões com a idade, a saúde e a segurança: a humanidade, afinal, continua a mostrar-se igualmente vulnerável e frágil.

Não muito raro nos deparamos com pessoas mais idosas falando das dificuldades enfrentadas no decorrer da vida, no quanto as coisas eram mais difíceis e o quanto era sofrido. Em contrapartida nos deparamos também com “jovens” que acreditam que apesar dos avanços tecnológicos a vida tornou-se mais penosa e a felicidade mais impossível.

Se a maioria, nas pesquisas, declara-se feliz, todo mundo, a intervalos mais ou menos regulares, se mostra inquieto, taciturno, insatisfeito com sua vida privada ou profissional. A civilização que se

anuncia não abole a sociabilidade humana, ela destrói a tranquilidade consigo e a paz com o mundo, tudo se passando como se as auto-insatisfações progredissem proporcionalmente às satisfações fornecidas pelo mercado. (LIPOVETSKY, 1944/2007 p.149)

Enquanto isso encontramos pessoas desesperadamente buscando um bem-estar, que a pós-modernidade nos apresenta com esplendor, aumentando a sensação de insatisfação por não alcançarmos aquilo que deveríamos alcançar conforme a lógica pós-moderna.

Silva 2012, nos diz que: “A felicidade é prometida a todos, mas o efeito é a decepção.” Quanto mais opções de satisfações se tem, mais possibilidades de decepção se apresentam.

Recentemente uma grande rede de *fast food* nos Estados Unidos da América, lançou uma campanha para falar sobre saúde mental, com ideia de que ninguém é feliz o tempo todo criaram o “lanche infeliz”, essa é uma das raras campanhas que podemos ver neste sentido. A maior parte das campanhas de publicidades são totalmente o oposto disso, não há infelicidade e quando há qualquer coisa similar soluções mágicas são apresentadas.

Um traço característico das civilizações é a tentativa de regular tudo aquilo que de algum modo põe em risco a manutenção e o avanço dessa civilização. Ou seja, encontramos meios de eliminar tudo o que poderia possibilitar “desordem e sujeira”. Como destaca Freud (1930/2011 p.38), “beleza, limpeza e ordem ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais.” A ausência de uma delas ou de ambas não está em consonância com a civilização.

Pensando na declaração de Bauman (1925/1997) “que todas as sociedades produzem estranhos.” Seria o “infeliz” um estranho comum a todas as sociedades? Talvez não tenhamos condições de responder a essa questão, porém o imperativo de felicidade tenta abolir esse estranho na modernidade a qualquer custo.

Freud (1919/1976) afirma que: “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.”

Vale aqui retomarmos uma característica do inconsciente observada por Freud e descrita por Torezan, (2011 p.531): “Essa é a proposta de Freud sobre o inconsciente: caracterizá-lo como uma instância psíquica marcada por uma

particular maneira de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência.”

Pelo o que somos regidos socialmente? Pela consciência ou pelo inconsciente? Onde somos afetados pelo imperativo de felicidade? Fica claro a possibilidade de existência de conflitos entre o consciente e o inconsciente se pensarmos na lógica de felicidade vigente na contemporaneidade, pois se não há espaço para a subjetividade, e o inconsciente para Freud é o que há de autêntico na subjetividade não há possibilidade de uma harmonização.

Sabemos que Freud em seu texto “O mal-estar na civilização” nos diz que a insatisfação é condição inicial uma vida civilizada. “No mesmo artigo, enuncia que a perda da felicidade, através do sentimento de culpabilidade engendrado pela cultura, é o preço pago pela evolução cultural.” (TOREZAN, 2011 p.545).

Cabe seguirmos apontando qual era o entendimento de Freud sobre felicidade, entendimento esse que ainda vigora para a psicanálise.

## **2. O QUE É FELICIDADE PARA PSICANÁLISE CONFORME FREUD.**

*“Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor.” (Sigmund Freud, 1930/2018)*

Em “O futuro de uma ilusão”, Freud (1927/1996) aponta para as restrições que são estabelecidas dentro da civilização, assim como a relação entre a massa oprimida e a minoria que oprime. Ele considera que para uma pessoa ser plenamente feliz, seria necessário a remoção das restrições existentes na civilização, o problema é que para isso essa pessoa possivelmente seria um tirano ou ditador.

O tema felicidade volta a ganhar espaço nas obras de Freud em “O mal-estar na civilização”, onde ele também discute questões relacionadas a religião e a civilização. Nesta obra ele faz uma afirmação que podemos considerar como um ponto de partida para entendermos como a psicanálise expõe o que é felicidade. Deixando claro que o que a sociedade entende como felicidade ocupa uma outra esfera no contexto psicanalítico.

Para ele a vivência de fortes prazeres é o sentido mais rigoroso da palavra felicidade e aquilo que chamamos de felicidade é a satisfação repentina de necessidades altamente represadas. (FREUD, 1930/2018 p.20). Podemos então afirmar que a felicidade está diretamente ligada ao princípio do prazer?

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo *princípio de realidade*. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. (FREUD, 1920/1996 p. 7).

Podemos perceber que para Freud, felicidade trata-se da realização do programa do princípio de prazer, ou seja, obter prazer e evitar desprazer. Partiremos então deste conceito e esbarraremos de imediato no conflito existente entre a obtenção irrestrita de prazer e a relação com a nossa constituição psíquica. Ela nos dá maiores condições de experimentarmos a infelicidade, nós a experimentamos a partir do próprio corpo, do mundo externo e das relações com outros seres humanos. (FREUD, 1930/2018 p.20). Ser feliz é uma condição que está em total desacordo com o mundo.

Freud no texto do “O mal-estar na civilização” enumera métodos pelos quais os homens buscam obter a felicidade, porém em todos esses métodos fica claro a intenção do homem em torna-se independente do mundo exterior.

É fato que o caminho para falarmos de felicidade em psicanálise deve ser percorrido através do seu oposto. Considerando que ela é apenas um momento da ausência da outra, ou seja, felicidade é ausência momentânea de desprazer. Além disso a filosofia, as ciências e a religião também já se ocuparam em buscar conceitos e explicações para a felicidade. E possivelmente tais conceitos fazem parte atualmente do senso comum sobre o que é felicidade.

A psicanálise sai desse lugar do que é comum e propõem um olhar sobre a felicidade a partir da constituição psíquica do sujeito que renuncia ao seu próprio desejo para se manter em uma civilização. Como aponta Freud (1930) a infelicidade foi um impulso para o avanço da civilização.



Cabe aqui uma explanação sobre o conceito de prazer e desprazer conforme a teoria freudiana, sendo necessário tratarmos também sobre as questões pulsionais. Consideramos que existem exigências pulsionais que levam o sujeito a “almejar a felicidade, procurando sensações de prazer e ao mesmo tempo, evitando a dor, e o desprazer. (FRANCO, 2011 p.2).

As pulsões é um dos conceitos fundamentais para a psicanálise. Freud (1939/2017) em seu ensaio “As pulsões e seus destinos”, ele faz uma diferenciação entre os estímulos pulsionais e outros estímulos, destacando que o estímulo pulsional não “advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo.” Ele acredita que as pulsões são os motores que conduziram o sistema nervoso ao atual patamar de desenvolvimento.

Se julgarmos que mesmo a atividade do aparelho anímico mais altamente evoluído está sujeita ao *princípio de prazer*, quer dizer, que é regulada automaticamente por sensações da série prazer-desprazer, então dificilmente poderemos negar a pressuposição posterior, a de que essas sensações reproduzem o modo como o domínio dos estímulos acontece. Isso, por certo, no sentido de que a sensação de desprazer tem a ver com o aumento, e a sensação de prazer, com a diminuição do estímulo. Mas preservemos cuidadosamente a considerável indeterminação dessa hipótese ate que, de certa forma, nos seja possível intuir o modo como se relacionam prazer-desprazer com as oscilações nas grandezas dos estímulos que atuam sobre a vida anímica. Por certo, são possíveis relações muito variadas e nada simples. (FREUD, 1939/2017 p.23)

Freud então discuti a pulsão a partir de alguns termos que são relacionados a esse conceito, a saber: pressão, meta, objeto e fonte da pulsão. Esses termos são importantes para uma melhor compreensão do funcionamento das pulsões, porém irei destaca o que Freud relata sobre a meta da pulsão que está ligada a satisfação.

A meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional. Mas, mesmo que essa meta final permaneça inalterada para todas as pulsões, diferentes caminhos podem conduzir a essa mesma meta final, de modo que podem existir para uma mesma pulsão diversas metas aproximadas ou intermediárias, as quais podem ser combinadas ou substituídas umas por outras. A experiência também nos permite falar de pulsões “inibidas em sua meta” em processos que são tolerados durante uma parcela de seu caminho rumo à satisfação pulsional, mas que depois experimentam uma inibição ou desvio. Pode-se supor que mesmo a esses processos esteja ligada uma satisfação parcial. (FREUD, 1939/2017 p.25)

O conceito de pulsão nos direciona para a impossibilidade de satisfação plena isso porque a exigência pulsional de satisfação é constante.

O filósofo Schopenhauer (1819/2003) afirma que: “somos essencialmente seres que querem, não importa o quê: **somos desejo infinito, finitamente corporificado**”. Esse mesmo autor destaca que toda vida é sofrimento, ser feliz não é algo real é apenas ser menos infeliz, ter menos desejos conflituosos. Ele conclui que “o prazer é apenas o fim momentâneo de uma dor. Mas como o sujeito poderá lidar com isso no contexto atual, onde não há espaço para a infelicidade e para a dor?”

### **3. ATUAÇÃO DO ANALISTA DIANTE DA DEMANDA ATUAL DE FELICIDADE RÁPIDA E INDOLOR.**

A psicanálise tem sua origem na prática clínica e a partir das observações dos seus pacientes que Freud começa a postular os conceitos fundamentais da psicanálise. Não há como falarmos de questões pertinentes ao sujeito sem pensarmos na posição do analista frente a elas.

É mais do que sabido que a psicanálise não ocupa um lugar de “bem quista” se a compararmos com psicoterapias “modernas” e os “coachs” com promessas de cura e de garantias do término do sofrimento. Não considerem com isso que a psicanálise não seja moderna, basta nos atentarmos a universalidade dos seus conceitos e a atualidade das obras do seu fundador.

Entretanto vale destacar que a psicanálise não deve ser comparada a tais psicoterapias. A psicanálise por conceituação já se diferencia das mesmas. Por um tempo o criador da psicanálise talvez por uma pressão da época tenha tentado fazer com que ela fosse aceita com uma ciência. Contudo sabemos que ele abandona essa ideia e hoje conhecemos a psicanálise como uma *práxis* ou uma *Ética*, não uma ética como a do ramo da filosofia que é dedicado aos assuntos morais. Para Chaves (2009) “a *Ética* da psicanálise conforme Lacan (1988) e com toda a contribuição freudiana, deve ser pautada no desejo.”

A ética da Psicanálise se centra, por corolário, no vazio, no Real, que marca a sua diferença como ética do desejo, enquanto falta, não se pode confundir com um Bem supremo – preceitos e valores – a orientar o sujeito. Não é um ideal que sustenta a ética da Psicanálise;

seus alicerces se encontram no real. Portanto, qualquer forma de padronização dos indivíduos ou tentativa de normatização do sujeito rechaçada, visto que indicam preceitos preexistentes e um conjunto de valores dos quais a Psicanálise se distingue.

Cada vez mais as tentativas de padronização de diagnósticos e até mesmo de “terapias” vem ganhando força. Talvez esse seja um dos motivos de tanto sucesso dos livros de autoajuda. Oferecem padronização até para o sujeito ser feliz.

Maia (2003, p. 78) apud Macedo (2008 p.219) destaca que:

“nessa imagem social construída para o sujeito, não existe lugar para afetos humanos básicos: a angústia e a tristeza são banidas do ideário pós-moderno e, a qualquer sinal de sua proximidade, o indivíduo deve acessar dispositivos para sedá-las - antidepressivos e drogas as mais diversas.”

Como percebemos a Psicanálise vai na contramão deste movimento, “Por acreditar que não existe “uma ação correta a reger o sujeito na sua busca de felicidade.” CHAVES (2009).

Lancan (1988 p.363) citado por Chaves (2009) lança a seguinte questão:

A perspectiva teórica e prática de nossa ação deve reduzir-se ao ideal de uma harmonização psicológica? Devemos, na esperança de fazer nossos pacientes aceder à possibilidade de uma felicidade sem sombras, pensar que a redução pode ser total da antinomia que o próprio Freud articulou tão poderosamente? Falo do que ele enuncia no Mal estar na civilização, quando formula que a forma sob a qual a instância moral se inscreve concretamente no homem, e que absolutamente não deixa de ser racional em seu dizer, essa forma que ele chamou de supereu, é de uma economia tal que se torna tanto mais exigente quanto mais sacrifícios se lhe prestam.

Sendo a proposta de ética da psicanálise algo singular, único que não se prende a um ideal. “Não é uma ética do bem”.

Em uma sociedade que busca cada vez mais soluções universalizantes para seus conflitos manter um lugar como o do analista que possibilita ao analisando elaborar a partir de sua angustia, sem dúvida não é algo valorizado na modernidade.

O discurso atual das práticas terapêuticas é de promessas de harmonização, cura ou obtenção de satisfação. Uma tentativa de regular um “mal-estar” que é inerente a sujeito.

Para Birman (2015, p.220):

“[...] a psicanálise prometeu tudo isso ao mundo no início do percurso de Freud. Por isso mesmo, a psicanálise se transformou num fascínio irresistível na modernidade, e seduzia a todos na medida em que poderia realizar a ilusão das individualidades em busca do

apaziguamento do desamparo e do domínio do mal-estar social. A psicanálise pós-freudiana ainda insistiu nessa tecla, alimentando o lugar mítico da psicanálise na modernidade, não obstante a perspectiva trágica do último Freud. Porém, a promessa não se realizou, esvaziando o poder da sedução e evaporando o charme fascinante do discurso psicanalítico.”

Com certeza essa promessa não foi realizada “pois o mal-estar e o desamparo estavam sempre lá, espreitando as individualidades.” (BIRMAN, 2015 p.221). Esse mesmo autor acredita que a psicanálise vive uma crise na pós modernidade e que uma parcela da “comunidade psicanalítica” de maneira equivocada tenta fazer uma montagem “entre o discurso psicanalítico, as neurociências e o cognitivismo.”

É questionável se tais práticas de fato são psicanalíticas, levando em consideração o lugar que o discurso do analista ocupa.

Abordagem dessa temática nos faz repensar nossa atuação clínica. Ser um analista em uma sociedade das boas intenções, que sempre quer fazer “o bem” e que busca responder as demandas com soluções imediatas. É um grande desafio sustentar essa possível provocativa do mal-estar.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O imperativo de felicidade é algo da modernidade, porém o “mal-estar” não é uma questão tão recente. Durante séculos a civilização buscou e encontrou nas filosofias e religiões supostas respostas para darem conta dele e também “receitas” para alivia-lo e encontrar a tão desejada felicidade.

Com advento da modernidade tais respostas já não foram mais suficientes o “mal-estar” continua a se perpetuar mesmo sendo expresso de formas diferentes das já conhecidas. Possivelmente a busca de soluções em outros saberes tenham levado essa questão para a psicanálise.

Freud com clareza trata esse assunto e nos aponta para a realidade da impossibilidade de ser feliz. Impossibilidade esta como já discutida que é reforçada até por nossa constituição psíquica.

Contudo essa pesquisa não é uma pesquisa de cunho pessimista, mas preza por apontar a necessidade da sociedade de está atenta as promessas “magicas” de soluções instantâneas dos seus conflitos no âmbito individual ou coletivo e para os analistas não se engodarem com o discurso capitalista a ponto de tentar perverter a Ética da psicanálise.

#### **REFERÊNCIAS:**

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. \_\_\_\_\_ Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999.

BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 123-144, June 1998. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311998000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311998000100007&lng=en&nrm=iso)>. access on 26 May 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73311998000100007>.

CHAVES, W. C. Há uma ética que rege a clínica psicanalítica, que não é da ordem da moral. In: VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC/ XV Encontro de Psicanálise da UFC, 2011, Fortaleza. Anais do VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC/ XV Encontro de Psicanálise da UFC, 2011.

DOCKHORN, C., & MACEDO, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento e Psicologia*, 26, 217-224.

FRANCO FILHO, Odilon de Mello. A civilização do mal-estar pela não-felicidade. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 183-192, jun. 2009. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2009000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 dez. 2018.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. In: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. (1920-1922). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18)

FREUD, Sigmund, 1856-1939. As pulsões e seus destinos / Sigmund Freud; tradução Pedro Heliodoro Tavares. – 1. Ed.; 2. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (Obras Incompletas de Sigmund Freud: 2)

FREUD, Sigmund. O Estranho. (1919) Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund, O mal-estar na civilização / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhias das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles, 1944- A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo / Gilles Lipovetsky; tradução Maria Lucia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHOPENHAUER / Jair Barboza. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

SILVA, M. M. Freud e a atualidade de 'O mal-estar na cultura'. ANALYTICA: REVISTA DE PSICANÁLISE, v. 1, p. 45-72, 2012

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 maio 2019.